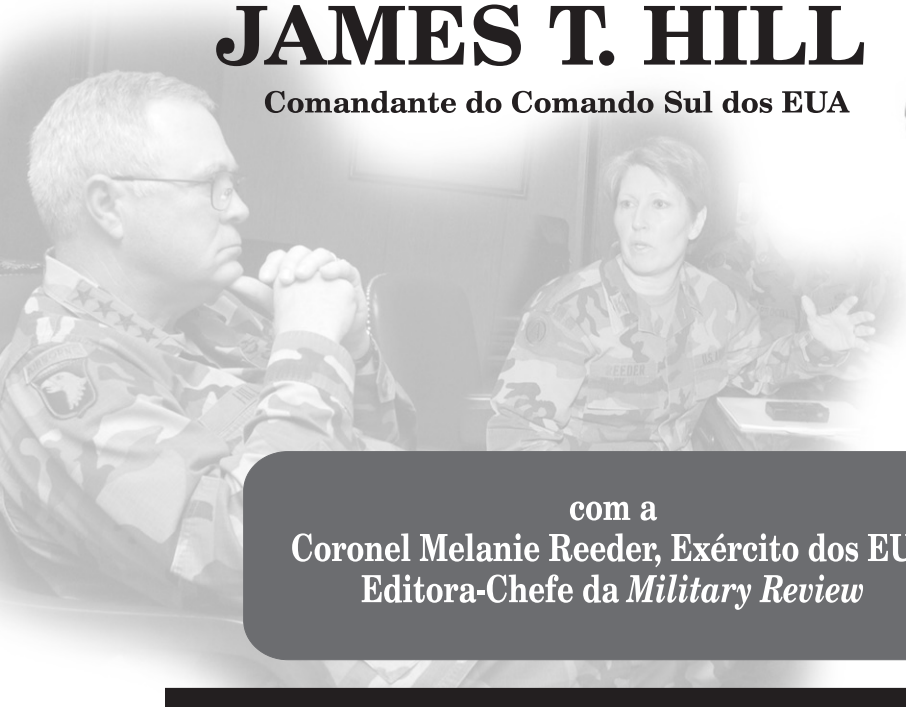
ENTREVISTA DO GENERAL JAMES T. HILL

Comandante do Comando Sul dos EUA



com a
Coronel Melanie Reeder, Exército dos EUA
Editora-Chefe da *Military Review*

MR: Quais as prioridades que o senhor estabeleceu para o Comando Sul dos EUA, o *SOUTHCOM*?

***Gen Hill**: Apoiar a guerra contra o Terrorismo Global tem prioridade um. Em segundo lugar, a Colômbia e o apoio concomitante à democracia em toda a região. Estou comprometido com a melhora da qualidade de vida dos soldados, marinheiros, oficiais da aeronáutica e fuzileiros navais do SOUTHCOM, especialmente daqueles que trabalham nas embaixadas e nos escritórios de ligação militar em toda a área operacional. Em quarto lugar, ligado às demais prioridades, salientar a importância estratégica da área e assegurar que continue sendo de interesse principal no processo decisório militar, civil e do Congresso.*

MR: Qual o maior desafio encarado pelo *SOUTHCOM* na América Latina?

***Gen Hill**: É o de deter ou dissuadir o aumento corrosivo e penetrante do narcoterrorismo e do dinheiro gerado por este, em toda a região, assim como o seu poder destrutivo contra as democracias existentes na América Latina e no Caribe. Embora cada país na América Latina e no Caribe, menos Cuba, seja uma democracia, muitas são, de fato, frágeis. Estão acossadas por economias fracas e as esperanças do povo não estão sendo realizadas. Há também as drogas e o dinheiro e a corrupção gerados por estas.*

MR: Poderia definir a ameaça do terrorismo na América Latina?

***Gen Hill**: Eu tenho que catalogar a ameaça do terrorismo em duas distintas categorias. Uma é a ameaça do narcoterrorismo presente na Colômbia que afeta todos os outros países da região. A segunda ameaça terrorista é a dos grupos islâmicos radicais que operam livremente em todo o hemisfério. A área da tríplice fronteira tem grande notoriedade. Porém, de fato, existem muitos destes grupos que operam em outras áreas do hemisfério, não somente na área da tríplice fronteira. Estão engajados em todo tipo de atividades ilegais e conectados diretamente com os narcoterroristas. O volume de lavagem de dinheiro do tráfico de drogas é enorme e esse dinheiro vai diretamente ao Hezbollah e ao Hamas e a outros grupos islâmicos radicais.*

MR: Qual é a missão do *SOUTHCOM* na guerra global contra o terrorismo?

***Gen Hill**: A missão do SOUTHCOM na guerra global contra o terrorismo relaciona-se com as duas categorias mencionadas. Por meio do combate ao narcoterrorismo e dos dólares gerados pelo comércio dos narcóticos que são enviados para — e lavados pelas — organizações terroristas, o SOUTHCOM combate o terrorismo internacional. Tratamos de negar-lhes os fundos que apóiam suas atividades terroristas. O papel específico que tenho, pessoalmente, na guerra contra o terrorismo é o fato de ser o comandante responsável pela direção da operação dos detidos na Baía de Guantanamo, em Cuba.*

MR: Até que ponto os outros países dentro da área de responsabilidade sabem do papel do *SOUTHCOM* contra o terrorismo? Qual o envolvimento dos EUA na Colômbia e quais são os interesses nacionais?

***Gen Hill**: A Colômbia é o quinto maior parceiro comercial dos EUA na América Latina, um de nossos maiores fornecedores de petróleo e a segunda mais antiga democracia no hemisfério. Portanto, já que os EUA estão comprometidos com o apoio às democracias, temos interesse em prestar o nosso apoio à democracia nesse país. Outro interesse nosso na Colômbia se refere ao fato que ainda somos os maiores consumidores de cocaína do mundo, e a maioria desta vem de lá. Aproximadamente 550 toneladas métricas de cocaína entram nos EUA, por ano. Também há um crescente mercado de heroína.*

MR: Qual é a sua avaliação das condições dos direitos humanos na área de responsabilidade?

***Gen Hill**: Ela varia, mas certamente tem havido grandes melhoras nos últimos dez anos e o SOUTHCOM tem tido um papel importante, trabalhando com nossos aliados na região e ajudando-os a compreender a necessidade de um programa de direitos humanos em seus países. Na realidade, a América Latina tem mudado. Há trinta anos atrás, muitos de seus países teriam sido caracterizados como estados, na maioria, autoritários ou comunistas, e todos, exceto Cuba, são agora democracias. Isso tem feito com que os militares nesses países tenham dúvidas a respeito dos seus papéis em apoio à democracia. Existe um desejo de compreender e definir a relevância do militar hoje, no século XXI, em oposição ao que foi no século passado. Devem se perguntar de que forma podem ser úteis à sua nação e ao seu povo. Para responder a essas dúvidas de forma positiva, os líderes militares não podem ser vistos reprimindo ou abusando do povo que estão comprometidos a proteger. Caso contrário, o próprio povo não apoiaria uma "democracia" desse tipo.*

Em todo caso, em todo país, tem havido uma melhora nos direitos humanos. Na maioria das nações, têm havido um decréscimo no número de queixas comprovadas de graves violações de direitos humanos por parte de militares contra o povo. Mais notavelmente, eu indicaria a Colômbia. Dos meados até os finais dos anos 90, uma organização não governamental colombiana, a Comissão Colombiana de Juristas, especializada na observação de violações dos direitos humanos, reportou que pelo menos 54% das mais sérias violações dos direitos humanos ocorridas na Colômbia eram cometidas pelos militares colombianos. Em 2001, a mesma organização citou uns 5.500 casos de violações de direitos humanos e menos de 2% destes foram atribuídos aos militares colombianos. Esta

queda, de 54% para apenas 2%, representa um passo à frente muito grande e uma melhora significativa no que está acontecendo na Colômbia.

MR: A que o senhor atribui essa melhora?

***Gen Hill**: Em primeiro lugar, a conscientização, das lideranças governamentais militares e civis, sobre a importância do respeito pelos direitos humanos. Segundo, o treinamento, por parte das organizações, das suas próprias instituições. Terceiro, as equipes de adestramento das pequenas unidades, as quais o SOUTHCOM tem apoiado. Mas, são os próprios países que devem fazer isso, e o estão fazendo. Você pode dar todos os livros do mundo para alguém e explicar-lhe sobre os direitos humanos. Mas, a não ser que cada nação e cada Força Armada decida que os direitos humanos são importantes para elas e para os seus países, não haverá avanço nesse sentido.*

MR: Como o senhor vê a situação do Presidente Uribe e da Colômbia, em geral?

***Gen Hill**: O Presidente Uribe é um líder dinâmico que compreende não haver uma única solução militar e que o problema da Colômbia consiste em uma crise de governo. Também compreende que, até alcançar a segurança estável, primeiro e mais importante papel do estado na proteção de seus cidadãos, não pode haver reforma judicial, legal, política ou econômica. Tudo isso tem que acontecer. Ele está consciente disso. O Presidente Uribe energizou o seu país, dramaticamente, civil e militarmente. De fato, no âmbito militar, hoje estão realizando ações que não se faziam anteriormente à sua presidência. Ele tem tido uma grande influência no aumento do moral e da competência de suas forças armadas.*

MR: Existem preocupações de que a Colômbia poderia se converter em um outro Vietnã. O que o senhor acha? Crê que isso possa ser verdade? Existem analogias a ser feitas?

***Gen Hill**: De nenhuma maneira e não há analogia a ser feita. Digo que não por motivos bem simples. Em primeiro lugar, e mais significativamente, o espírito de luta do colombiano é diferente do espírito de luta do vietnamita. Nos últimos anos da guerra, os vietnamitas se contentavam em permitir que lutássemos por eles. Os colombianos não querem que lutemos por eles. Eles compreendem que a guerra dever ser vencida por colombianos porque são eles que terão, no final das contas, de governar o seu país. Não podemos fazer isso por eles, nem eles querem que o façamos. Essa é a maior diferença entre a situação da Colômbia e a do Vietnã.*

MR: Podedescrever a atual iniciativa e o combate às drogas?

***Gen Hill**: Na guerra contra o narcotráfico, o fundamental para nós e para os nossos aliados consiste em deter o tráfico ilegal de drogas, para então cortar o fluxo de dinheiro que vai parar nas mãos de terroristas. Para mim, isto é fundamental na guerra contra o narcotráfico. Conduzimos a guerra de forma semelhante ao que fazíamos no passado, com operações de pulverização e erradicação, operações de interdição nas áreas de fonte e de trânsito, e lidando com o problema do consumo. Mas o consumo da droga por parte dos americanos não é o único problema de consumo na região, nem no mundo. Existem outras nações que se tornaram grandes consumidores de cocaína. Se os EUA não mais consumissem a partir de hoje, ainda haveria um grande mercado mundial, incluindo outros países da América Latina. A propósito, o consumo de cocaína nos EUA diminuiu, mas a produção da cocaína, ou da coca, continua estável. Obviamente então, outros mercados estão expandindo as suas demandas.*

MR: De que maneira o que acontece na Colômbia afeta o resto da América Latina? Por que devem os demais países da América Latina se preocuparem com o que acontece na Colômbia?

***Gen Hill**: Porque o problema da Colômbia não é um problema apenas colombiano. De fato, é um problema de todos. Podemos vencer a guerra na*

Colômbia mas se não dermos atenção aos outros assuntos regionais estaremos simplesmente transferindo o problema da coca e das drogas na Colômbia para algum outro lugar da região. Portanto, é um problema regional que tem que ser abordado pelas outras nações da área. Em minha opinião estão de fato começando a fazê-lo.

MR: Como o senhor descreveria as operações do *SOUTHCOM* em Guantanamo?

***Gen Hill**: A missão do SOUTHCOM em Guantanamo é a manutenção de uma área de detenção de indivíduos capturados no Afeganistão e a condução de duas operações distintas para os EUA. Uma é determinar o valor da inteligência que nos fornecem com relação à guerra contra o terrorismo e a segunda é determinar quais dos detidos devem ser processados criminalmente. Devemos verificar se cometeram crimes contra os EUA. Por último, devemos determinar se continuam a ser uma ameaça aos EUA e a seus cidadãos.*

MR: Vê o senhor uma nova tendência de descontentamento com oficiais americanos e com os EUA surgindo na América Latina?

***Gen Hill**: O que vejo é uma tendência para mudança. Nos países onde a economia e a democracia não têm proporcionado os benefícios que se esperavam, em termos econômicos, tão rapidamente ou da maneira esperada pelo povo, existe o desejo de mudança. Sob o meu ponto de vista, vejo isso como um movimento populista, mais que esquerdista, no sentido clássico.*

MR: No seu papel como comandante e líder, qual é a sua filosofia fundamental?

Gen Hill**: A minha filosofia, como líder e como ser humano, é a de ocupar a minha vida adulta e profissional buscando realizar uma diferença positiva na vida das pessoas. Fiz isso no nível unidade, no nível pessoal, e agora tenho a oportunidade de fazê-lo no nível de Comandante do Comando Unificado, por toda a região. Acredito que os EUA podem fazer muito, trabalhando junto aos nossos aliados, amigos e vizinhos regionais, para fazer uma diferença, uma grande diferença para melhor nas vidas das pessoas em toda a América Latina. Essa é a minha intenção.* ***MR